

O REPUBLICANO

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tipografia Pires

PROPRIEDADE

DO

Centro Democrático Vimaranesense

REDACÇÃO PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

RAPAZES...

Como novinhos saltando do curral em cabriolas nervosas sobre a erva fresca dos prados, os rapazes saíram da escola. O Quim vinha furioso, Meia duzia de valentes palmatoadas por causa do raio daquele morcão que o fôra acusar... Os primeiros bôlos! E lá ia a consideração do mestre, que o dizia afinado, e aquela superioridade que tinha na garotada, quando, pelo caminho, os outros contavam a pancadaria: «eu hoje só levei dois»; — ó meu mentirôso, quatro, se me faz favôr, dois na leitura e dois na taboada»; — tôdos castigados menos elle. O Chico era mais valente, um lavrador, fedendo a migalhas, cabelo duro de estôpa, olhos azues impassíveis na cara bezuntada, calças de cotim e uma jaleca que lhe trepava sempre para os ombros.

Embezerrado — «mas apanhou, mas apanhou!» — marchava á frente, com os da aldeia. — «Vamos ao pão.» Mas a rapaziada sentia, nêsse dia, um acabrunhamento estranho. Falava baixo e a assobiadela aguda, metálica, sibilante, do Antunes irritava como ferroada de môsa. O filho da D. Candida, que conseguira escapar da criada, chegara-se muito palido, tôdo ossos, uma febre de linfatismo a queimar-lhe a vida, tentando divertir o Quim, elle o fidalgo ao filho do artista, muito sentimental na sua inclinação admirativa, subalternizada, pelos grandes, pelos garotos, por tôdos os que tivessem a auréola dum sofrimento ou a liberdade dos pés descalços. — «Olha a bandeira da França!» E mostrava uma bandeirinha tricolôr que servira de enfeite a um pudim, no dia dos anos do pai, velho major reformado.

Tarde de primavera, sol de trovoadas. Cantavam as águas, escoando-se dos campos.

Nas sebes abriam as primeiras rosas bravas.

Um carro passou levantando poeira.

E como último fôco de neve desmaiando no dia claro e quente, a lua aparecia no ceu como esquecida, a morta de amôres.

— Vamos nós jogar a guerra? propõe o Antunes, impa-

ciente, a cavalo numa vara.

Eh! rapazes, vamos jogar a guerra!

— E o Quim? perguntou o filho da D. Candida.

Os rapazes apanharam a ideia e não a largavam. O Quim fazia as pazes com o outro, estava visto. O que se queria era brincar.

Que importa lá! Bôlos comiam êles tôdos, caramba! — a questão era enxerta-los. Vamos a isto.

Uniram fileiras. Distribuíram-se as forças. Maquinou-se o plano: uns prá direita, outros á esquerda. A meio da estrada, de capaçete de jornal, brandindo como espada um ferro velho, o Antunes comandava em gritos severos, marcial e travêsso: — E' como na barra. Vocês saiem daí a cavalo e estes correm contra vocês: os que se deixarem agarrar ficam prisioneiros. A infantaria defende a barra pára que ninguém entre. Quem a tomar de assalto é que ganha. Uma, duas, três! Fôrça, rapazes...

O Quim ficara sorumbatico na defesa da linha. Inda não tirara as mãos dos bôlso, numa grande preocupação, como se neles tivesse ficado escrita a sua vergonha. Houve um momento em que duas lágrimas nervosas lhe embaciaram o olhar.

A batalha seguia, ardente, estalar ensurdecidôr de gritos, correrias doidas, nuvens de pó.

Quando chegasse a casa já a mãe o havia de saber pelo Custodio, o filho da visinha, que tinha fama de linguarudo. E era o que mais lhe custava, á noite, na ceia, tór de as ouvir...

Num salto, apanhando-o distraído, o outro invadiu a barra. Estavam os dois inimigos, frenéticos, cara a cara. — Isso não vale! gritava o Quim. — Ganhei! exclamava o lavradoresito, muito pimpão, saboreando mais esta vingança, corado de gôso.

Mas o Quim perdeu as estribeiras. Filou-o no pescoço e pegaram ás bulhas. — Julgas que te tenho medo, acusadôr? lambão!

Esmurrou-o com fôrça no nariz. O outro ia abaixar-se para apanhar uma pedra,

quando, febril, num esticão de nervos, o Quim o enlaçou nos braços, e o fez rodopiar e cair num monte de casealho.

Rachara-lhe a cabeça. — Sangue! O lavrador, muito corrido, desatara a chorar.

Já a criada da D. Candida corria aflicta.

A batalha parou. Todos fizeram roda.

— Seus garotos!

— Isto não faz mal — dizia, a consolar o ferido, o filho da D. Candida, desprendendo-se da moça, — era guerra, bem vê, e tu fazias de alemão...

ANTOLOGIA

UMA ERVA

Era uma vez uma erva, uma sosinha,
Que vivia sem agua e sem calor;
Quem passava não via a pobrezinha,
E que visse: piaava-a sem amor.

O seu corpinho verde, que não tinha
Bebedo a chuva, nem o sol em flôr,
Morrer: e a erva misera e mesquinha,
Estendeu-se no chão, rêsca de dôr.

Andava ali, naquela ocasião,
Um amorôso e noivo passarinho
Que construia o ninho com paizão.

E o destino da erva foi diverso:
Leva-a no bico a ave p'ra o seu ninho,
E ella fez a renda para o berço.

Afonso Lopes Vieira.

VÁRIA

Kionga

A coluna de operações que se encontrava em Porto Amelia occupou, no dia 10 pelas 11.30, o triângulo de Kionga, no extremo norte do litoral de Moçambique. Foi em 1894 que a Alemanha, violando, como é de seu feitio, os tratados de 30 de dezembro de 1885 e 11 de junho de 1891, que asseguravam a nossa esfera de influencia, nos arrancou violentamente essa parcela de territorio. O nonroso feito, cuja importancia avulta como a primeira desafrenta contra êsse povo que nos declarou a guerra e procura enxovalhar-nos numa linguagem indigna, encheu de legitimo orgulho a alma portuguesa.

Dá-me os teus labios num riso!
Assim, deixa-m'os beijar...
E' tão pertinho o paraíso!
Custa tanto a lá chegar...

Fausto Guedes Teixeira,

Câmara Municipal

de Guimarães

O illustre Presidente da Comissão Executiva publicou em folheto

um conjunto de propostas, desinvolvimento da que apresentou em sessão de 2 de janeiro de 1914, referentes á reorganização da policia municipal, caixa de socorros para empregados municipais, viacção electrica entre Braga e Guimarães, balro operário, saneamento da cidade, parque do Castelo, conclusão do edificio da cadeia e construção dos Paços do Concelho, e que são do maior alcance para o progresso de Guimarães. Mariano Felgueiras revela mais uma vez as suas extraordinarias facultades de trabalho e intelligencia e o seu productivo amor á nossa terra.

A todos os co legas que nos teem honrado com a permuta e a tôdos aqueles que nos dirigiram cumprimentos ou palavras de incitamento e de carinho apresentamos, respeitosa e cordalmente, as nossas vivas saudações e penhorados agradecimentos, com o protesto de que, nesta ingrata e difficilissima tarefa, nos anima o dever da mais leal camaradagem, respeitando as opiniões alheias para que nos respitem as nossas. *Herbert Spencer*, definindo a justiça, dizia: «todo o homem pode agir livremente e á sua vontade comquanto não ofenda ou restrinja a igual liberdade de qualquer outro homem.»

Recebemos mais a visita d'O *Eco de Estremoz*.

Inveja é fome que enjôa;
E' cama que tira o sono:
Magra cadela ralvosa
Que morde no próprio dono...

Antonio Corrêa de Oliveira.

Indústria de cortumes

Um destes felizes, para quem a guerra foi a sorte grande, tem andado a açambarcar, por tôdo o distrito, a casca de carvalho, indispensavel á tradicional cortimenta de couros, e com tal sanha que se pede por ella, no monte, 60 centavos e mais, quando, ainda ano passado, se vendia a dezoito vintens, cruzado, etc. posta em Guimarães.

Os industriais de Rua de Couros protestaram perante o Governador Civil e Ministro do Trabalho, sendo atendidos nas suas justissimas reclamações.

«Teem reparado como a melancolla coincide sempre com prisão de ventre?»

Fialho d'Almeida.

Filosofia dos outros

— Mas devem concordar — a peor espiga é ter nascido homem.

A volta, no silêncio, enquanto o calzeiro piscava um olho de namorico, os outros meneavam a cabeça num ritmo de sono e concordia, assentindo.

— Vejam, continuava elle, muito grave, o carão avermelhado de facundia e gênio, tendo desengasgado uns gases de feijões, vejam es-

ta questão das subsistencias... A mulher, á noite, pede o dinheiro prás compras. E tudo são lamúrias: que já não sabe o que hade mandar vir, que está tudo pela hora da morte e que é mesmo uma consciencia gastar um rôr de dinheiro e comer uma bodéga. O açucalem farinha, a farinha tem cal e até a cal é falsificada! Depois um homem tem de pensar na sua vida, na da mulher e na dos filhos. Mais um vestido, mais uns livros... As criadas resmungam... Uma verdadeira miséria. Eu cá por mim-palavra de honra! — (egesticulava numa fúria de inspiração) preferia a todos êstes trabalhos ter nascido — eu sei lá? — burro ou pôrco... Ao menos tinha a comida a ho: as!

Sardenta

Tu, nêsse corpo completo,
O' lactea virgem doirada,
Tens o linfatico doirado
Duma camélia melada.

Cesário Verde

Pensamentos de

Alfred de Vigny

Só as pêndulas se movem por principios; os homens inventam principios, mas passam a vida a contraria-los.

O escritôr que se presa procede sempre assim: publica, não vê ninguém e esquece o seu livro.

O romance de análise nasceu da confissão. Foi o cristianismo que gerou a ideia pelo hábito da confidencia.

O trabalho é um esquecimento, mas um esquecimento que convem a uma alma forte. Amar, inventar, admirar — eis a minha vida.

No juizo final os homens tomam contas a Deus.

(*Journal d'un poëte*)

Soneto

Hum enforcado, levantando os olhos ao Ceo dice êste soneto quando governava o Sr. D. Miguel

A Daniel do Lago Libertastes
A Jônas das entranhas da Balea
Ao velho Abram das mãos dos de Caldea
A Aram, Mouzês, e ao Povo resgatastes.

A Noé, Jacob, José Livrustes
A Pedro das Oudas, a Paulo da Cadea
A Suzâna da Culpa feia e fea
A Cananea, e a Judit guardastes.

Tres meusinhos das fornalhas exhemistes
Do Gigante a David victoria destes
E por outros muitos santos acudistes;

Mas pelos pecadores mais fizestes
Que por elles a morrer á Cruz subistes
E a mim para salvar-me me prendestes.

(Dum manuscrito existente na Sociedade Martins Sarmento)

HIGIENE

Medicina de urgência Emquanto não vem o médico HEMORRAGIAS

A vista do sangue faz em geral perder a cabeça e exagerar o perigo: e o que se impõe essencialmente é um pouco de calma e de reflexão.

I—*Hemorragias por ferimento*—Ha duas indicações a atender emquanto não chega o médico: suspender o escoamento de sangue; não empregar meios contrários á antisepsia. A compressão directa exercida sobre o lugar donde sal o sangue é o verdadeiro meio de fechar o orifício da artéria ou da veia e de parar a hemorragia. Esta compressão não deve fazer-se pondo a ferida em contacto com qualquer objecto sujo: algodão, esponja ou lenço tomado ao acaso, e não deve fazer-se também applicando os dedos sem interpôr alguma coisa. O que deve empregar-se é algodão fenicida, ou um pano de linho lavado e passado a ferro, comprimindo-o com os dedos contra a ferida.

Devemos applicar percloroto de ferro ou teias de aranha? Não. As teias de aranha são perigosas porque pode haver uma infecção. O percloroto de ferro pode ter alguma utilidade, mas traz serios inconvenientes, dificultando ao médico a exploração da ferida. E demais, nas hemorragias abundantes, não dispensa a compressão.

O algodão ou pano colocado sobre a ferida pode segurar-se também com uma ligadura. Além da compressão directa, emprega-se em alguns casos raros e graves a compressão a distancia. Os membros são percorridos por vasos: as artérias que conduzem o sangue do coração ás extremidades; as veias que reconduzem o sangue das extremidades ao coração. O sangue que sai das artérias é vermelho e corre em jactos intervalados, o sangue das veias é negro e corre algumas vezes em jacto continuo, sempre em abundancia. Se comprimirmos a artéria dum membro na raiz, impedimos a entrada do sangue nesse membro. Só devemos comprimir a artéria quando lhe conhecemos o trajecto.

Pode também fazer-se a ligadura de todo o membro. Este processo é muitas vezes pôsto em prática com brutalidade: um cordel, uma linha, um laço pouco largo, que firm e cortam a pele. Eis o processo a seguir e que em cirurgia é conhecido pelo nome de—processo de Esmarck—: Conserva-se o braço, por exemplo, levantado para facilitar o refluxo do sangue. Liga-se depois, indo da extremidade para o meio, apertando-se fortemente até se passar o lugar da hemorragia. Aplica-se depois uma ligadura circular para comprimir a artéria. Retira-se a primeira ligadura que apenas serviu para expulsar o sangue dos vasos do braço que fica exangue. Este processo permite fazer operações sem perda de sangue, mas é um meio doloroso e que não pode demorar-se por causa da gangrena.

II—*Sangue pelo nariz*—*Epistaxis*—É muitas vezes um tenemento salutar, sobretudo nas pessoas de idade. Pode quando em excessiva abundancia, tornar-se perigosa mas deve esperar-se com serenidade o socorro médico.

Deve sentar-se o doente com a cabeça um pouco inclinada para a frente. Não deve deixar-se de costas porque o sangue cairia na garganta. Conserva-se-lhe a cabeça fresca e quentes os pés. Aplica-se um lenço embrulhado sobre a cara ou a narina do lado em que se produz a hemorragia.

O doente não deve falar, nem mexer-se e sobretudo não deve

assoar-se. Espera-se assim que se forme na narina um grumo que tape o orifício por onde vinha o sangue, o que pode facilitar-se introduzindo um bocado de algodão aséptico.

III—*Escarros de sangue*—Convem, sempre, consultar o médico. Se a hemorragia é abundante, o doente deve entrar logo em repouso, evitando falar e tossir.

Beber algumas gotas de água fresca. Renovar o ar do quarto. Manter os pés quentes.

VIVA PORTUGAL

Às 16 e meia horas do dia 11 chegou expressamente dirigido á Redacção do nosso jornal «O Republicano» o seguinte telegrama:

«Lisboa, 11, ás 14.42. Comandante militar Porto Amelia telegrafou comunicando que ontem 10, pelas 11 e meia horas, as tropas portuguezas occuparam Keonga, lavando assim a afronta que em 1894 a Alemanha havia feito a Portugal. Viva a Patria! Viva a Republica!» (Especial).

Afixados placards de «O Republicano», chega a policia com outros identicos que, pela digna autoridade administrativa, foram mandados afixar.

Não pode descrever-se o intenso jubilo que em todos os rostos se via transparecer! Todos se davam parabens, bailando-lhes a alegria nos olhos e nos labios prestes a proferirem cheios de entusiasmo um intenso viva á Patria Querida.

A's 20 e meia horas o illustre e dedicado correligionario tenente Fraga, não podendo reter por mais tempo no imo do peito o contentamento, a alegria que lhe inunda a alma, corre a casa do illustre Comandante d'Infantaria 20, a pedir-lhe autorisação para sair com a banda regimental e soldados a expandir e comunicar aos outros o regosijo que não lhe cabia no peito. De bom grado, o illustre Comandante acedeu logo ao pedido.

Organizada a marcha, a banda regimental executou o mavioso hino Inglez, a Marselheza, a Maria da Fonte e a Portugueza, seguindo todos, militares e civis em grande numero até á casa do illustre Comandante que, da sacada da sua residencia diz: «Cidadãos, o meu estado fisico não me permite acompanhar-vos, mas comvosco vai, cheio de entusiasmo, o meu coração que é dum português de rija tempera, dum português dos mais dedicados, ide, ovacionae os vossos irmãos de armas que venceram a Alemanha nas inhospitas terras africanas mas antes que partaes deixai que eu alquebrado pelos incomodos fisicos, levante um entusiastico Viva Portugal.»

Repetiram-se as manifestações seguindo a marcha, sempre cheia de entusiasmo, não havendo um unico momento de arrefecimento pelas diversas ruas da cidade, até que recolheu ao quartel do Proposto, onde o nosso querido amigo Gulthermino Rodrigues se volta para os soldados e diz: «Soldados, os vossos irmãos de armas, talvez alguns visinhos e amigos vossos, lavaram a afronta que em 1894 a Alemanha nos fez. Sois vós a nossa esperanza, sois vós o nosso orgulho; nos vossos peitos valorosos jamais deixou de pulsar um coração heroico para irdes e irmos até onde for preciso, para retomar á Alemanha o que ella nos roubou.»

Nos vossos rostos vejo o entusiasmo que vos trasborda do peito por isso gritei comigo: Viva a Patria! Viva a Republica! Viva o heroico exercito português!



FRANÇOIS DELANOË

Morreu heroicamente. Era meu camarada de infancia, meu irmão, e meu sargento ha oito dias. Pobre rapaz!

Ah! o belo ataque. Estava tudo minuciosamente preparado.

Os relógios dos chefes de secção tinham sido acertados uns pelos outros. A's cinco horas da manhã, deviamos sair da trincheira sem que o fogo annunciasse a partida. Os homens não levavam sacco. Na mochila, alem duma caixa de conserva e um pedaço de pão, cinco granadas. Latas cheias de água e de café. Atados ás costas, cinco sacos para encher de terra e defender as excavações conquistadas.

Antes da partida, cada um devia cavar um degrau com o utensilio preso ao cinturão para saltar mais desembaraçadamente fora do parapeto. Depois, nem um tiro. Tudo á baioneta. Chegamos lá abaixo, granada e punhal.

A's cinco horas menos dez, eu disse: «Fazei constar. Está tudo preparado? Atenção.»

Então, mais uma vez, senti um apertar de entranhas, um entorpecido calor em todos os membros que não é indicio de temôr, mas que nenhuma força humana pode dominar. Nenhuma força humana, mas a divina! Delanoë e eu comungamos na vespera. Estava perto de mim e disse-me baixo:

—Tenho a certeza de que hoje serei morto.

—Tens mêdo, rindo eu lhe respondi.

—Não. Nunca conheci o preço da vida como agora. É bela quando pode sacrificar-se por uma causa sagrada! E nunca me foi tão facil morrer porque nunca senti Deus tão perto.

Enquanto falava, a claridade pallida, lenta, do dia dava-lhe um aspecto de fantasia, como uma beleza de visião. Essa claridade espantava em frente delle e á volta de nós um nevoeiro espesso e húmido que parecia extravasar, como um suor, da nossa rede de fios de ferro. Durante a noite, os sapadores tinham aberto passagens que eu via nitidamente.

Delanoë disse-me de repente: «Escuta, é um passarinho da nossa terra. Ouvei uma andorinha saudando o despertar dessa fria manhã de primeiro outono.»

Tudo me parecia distante, pardo. Não compreendia o nosso fim. A trezentos metros, adivinhava a trincheira *d'elles*, com os olhos negros abertos á superficie da terra.

Cinco horas menos cinco— «Armar baionetas!»...

Um longo vibrar de aço ferido de rapidos clarões. As mãos apertam a espingarda. Delanoë e eu olhavam os nossos homens.

Ah! nossos irmãos de dois meses de sofrimento e de esperanças, humildes irmãos que nós vamos lançar na fornalha, a um gesto, como nós queríamos beijar as vossas pobres caras bronzeadas, cavadas!

Quais dentre vós, cheios de ardôr e mocidade, irão cair mortos daqui a pouco?

Neste mesmo minuto, e como uma corrente unisse os nossos pensamentos, senti uma mão apertar a minha.

—Adeus, Ernesto.— Até á volta, amigo, respondi. Mas elle repitou de novo, muito grave— Adeus.

Cinco horas! cinco horas! «Meus bons amigos, é pela França, marchemos!»

Num mesmo movimento todos os képis, todas as baionetas, todos os

peitos saíram da trincheira escura. A linha cerrada abalou, calcando a erva crescida.

Eles viram-nos!
Tac! tac! tac! tac!... As metralhadoras não teem descanso. As balas batem-nos de frente.

«Mais depressa! «Ah! o som abafado da carne atravessada, dos ossos partidos, o grito rouco, a suprema injuria do visioho que cai amaldiçoando o Boche!»

«Mais depressa! «Vem agora o seu tiro de barragem intervalado, sfilto. Os krapnells sibillam, estalam a três metros das cabeças.»

«Mais depressa, meus rapazes, vamos apanha-los.»
«Deitem-se». É um abrigo para dois minutos, o outeiro bemdito. Deitados, silenciosos, extenuados, tomamos ar.

—Delanoë?

Ah! Delanoë tem sangue. Está pallido. O sangue cai-lhe da cara no capote claro.

—Ferido.

—Os queixos atravessados. Não é nada.

—Tu voltas atrás para te pensarem.

—Atrás? Estás a brincar. Nunca na vida.

—Vais. Sou eu, o teu tenente, quem o manda.

—E eu, teu amigo, fico e não te deixo.

Já! Eis a linha de reforço que nos atinge, avança. Pela segunda vez, levanto-me e digo aos meus homens:

—A pó, rapazes. Coragem! para a frente!

Então é o assalto, a tempestade desencadeada.

A toda a velocidade cem metros. Alguns seguidos.— «Para a frente! Para a frente!» A frente baixa, o coração batendo, os dentes cerrados, tropeçando, levados para a linha branca que eu já vejo e que vomita sem descanso a morte.

«Para a frente!... Para a frente!... Para a frente!» É o choque que dos corpos que saltam, desaparecem, caem, o aço na carne dos outros derrotados, implorando, jogado na trincheira, o horrivel corpo a corpo, a golpes de navalha, os feridos que se estroagulam.

—Barreira á esquerda, depressa!...

—Kamerad! Kamerad!...

—Assassinos! Cobardes! Bandidos! Luvain, Termonde!... Os sacos de terra!... Viva a França!...

O sol brilhante, o sol de Deus, o sol dos grandes dias de paz, de trabalho, de cristandade subia no ceu. Parecia vir iluminar a nossa vitória. Por toda a parte o silencio, o terrivel silencio de depois, que nunca mais será cheio do vibrante— «Presente!»— de tantos dos nossos caídos na planicie! Neste silencio, chamei com angustia, a garganta cerrada: «Delanoë! Delanoë! Delanoë!»...

Encantrei-o caido de rosto sobre a terra.

A morte tinha-se encarniçado sobre a sua pobre e altiva cara de soldado, pois que ainda sobre ella uma granada caira.

Tinha-o mutilado, dilacerado. O coração do escapulário ficara intacto. Cor Jesu, spes in te morientium, miserere nobis.

Paul Bouget
(Le sens de la mort)

RABISCANDO

Um problema de capital importancia interessa atualmente todo o País e pode dizer-se que elle é o assunto de todas as conversas. Queremos referir-nos á questão das subsistencias que de tão variadas formas tem sido encarada. Realmente o problema reveste um caracter de importancia muito grande.

Mas como é elle encarado?

Por ventura todos o olham do mesmo modo? Ou haverá várias formas de considera-lo? O interesse com que de longa data o vimos seguindo permite-nos a convicção segura de que infelizmente cada um encara a seu modo este momentoso problema.

Ouvimos dizer em toda a parte, gritar bem alto que os géneros de primeira necessidade estão por um preço fabuloso, que não se pode viver assim, que não ha recursos que bastem. E como consequencia desta carestia tudo se volta para os poderes constituídos, reclamando providencias. Em verdade é o Estado que tem, qual chefe de familia, de providenciar em todas as circumstancias criticas. Mas pode-se porventura exigir que o Estado seja obrigado a atender a tudo sem que cada um de nós concorra no limite das suas forças para o auxiliar? De maneira nenhuma.

Queremos que os nossos governos nos forneçam aquilo de que carecemos, que tomem todas as medidas tendentes a assegurar nos os meios de subsistencia e isso é justo, mas é preciso também que cada um de nós se lembre que faz parte da numerosa familia de que elles são o chefe e como membro dela tem restrita obrigação de ser um auxiliar. Ora não é isso o que acontece, infelizmente. Todos reclamam, todos se queixam, todos gritam, todos protestam; quando porém lhes cumpre contribuir com um pequeno esforço para debelar a tenebrosa crise com que lutamos recusam, pretextando mil razões. E é assim que nós vemos os poderes constituídos emitindo leis tendentes a beneficiar-nos e aquelles que deveriam ser os primeiros a acata-las procuram por todos os meios deixar de cumprilas, num espirito de cupidez e ganancia bem pouco próprio das circumstancias anormais que vimos atravessando. Proibiu-se a exportação de géneros de primeira necessidade, para que elles não nos escasseassem. Que fizeram aquelles que á custa dela se vinham locupletando? Continuaram a arrecadar, empregando todos os meios de contrabando. Emitiram-se leis reguladoras dos preços dos géneros, estabelecendo uma base equitativa que permitisse ao vendedor um lucro razoavel e ao comprador os tornasse relativamente acessiveis? Que fizeram os primeiros? Fecharam-se com os géneros, recusando-se a pô los á venda por preço inferior áquelle que satisfazia a ávara ganancia de aproveitar a anormalidade e gravidade da situação e para adquirir um grande tesouro.

É assim que se auxilia o Estado. Entretanto o consumidor que se arranja como quizer. A questão principal é enriquecer, seja embora á custa da desgraça do seu semelhante.

Mas isto não pode nem deve continuar. É preciso que todos façam um pequeno sacrificio.

Alfredo Fernandes

A GUIMARAES DE ONTEM

12 de abril de 1886

Morre o dr. Bento Antonio d'Oliveira Cardoso.

«O findo gozava da famosa nomeada de primeiro jurista da provincia.»

Imparcial—16 avô, n.º 1220.

NO CESTO
DOS PAPEIS VELHOS...

Nomeação dum médico

--Dom João por Graça de Deus Príncipe Regente de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'aquem Mar, em Atrica de Guiné, etc. Faço Saber, que Antonio José de Sousa Basto, Formado em Medicina, pela Universidade de Coimbra, e assistente na Villa de Guimarães, lhe representou; que em consequencia de ser chamado frequentes vezes ás Caldas de São Miguel, e de Caldelas, presenciava os muitos, e graves prejuizos, que n'ellas padeciam em detrimento da sua melhor saúde, e discredito das ditas Caldas, os inumeraveis Enfermos, que a ellas concorrião de todas as partes; e isto, por falta de hum Medico, que os dirigisse no uso dos mesmos Banhos; e que, como elle Supplicante tinha grande experiencia d'elles, da natureza de suas agoas e de modo com que devião ser admenistradas, não duvidava tomar a si este cuidado; e se offercia gratuitamente, em quanto durassem as presentes calamidades da guerra, a hir tanto a humas, como á outras Caldas, as vezes que podesse (visto que não excedia a distancia de Logoa, d'aquella Villa) derigir, e aconselhar os Enfermos no que lhe fosse preciso, concedendo lhe para esse effeito Provisão de Medico das sobreditas Caldas, visto que resultava consideravel utilidade á saúde dos Povos.

E visto seu requerimento, a Informação, que se houve pelo Corregedor da dita comarca de Guimarães, com audiencia dos Officiaes da Camara, Nobreza, e Povo Respectivo, que convieram na Supplica do Recorrente, por ter mostrado a experiencia de muitos annos, a necessidade de quem derija os Enfermos, que vão ao uzo das Referidas Caldas, sendo o Recorrente o unico, que podia encarregar-se d'este exercicio, tanto por ser hum Medico habil, e versado na sua arte, como tambem da applicação, que devem ter as mesmas agoas.

Ao que tend' consideração; e á resposta do Procurador da Coroa que sendo ouvido, não teve duvida: Hay por bem Fazer Merce ao Supplicante de que possa, como Medico das ditas Caldas de São Miguel de Vizella, e São Thomé e de Caldelas, tomar a si gratuitamente o cuidado de derigir, e tractar os Enfermos, que concorrem todos as annos ás mencionadas Caldas, durante o tempo da presente guerra: e Mando ás Justiças a que pertencer, cumprão, e guardem esta Provisão como n'ella se conthem, registrando-se nos Livros da respectiva Camara, e aonde mais necessario for; e vallerá, posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do Livro segundo, titulo quarenta em contrario. Pagou de novos Direitos quinhentos e quarenta reis, que se carregarão ao Thezoureiro d'elles no L.^o 13 de sua Receita af. 196 e se registrou o seu conhecimento em forma no L.^o 79 do Registo geral af. 113.

O Príncipe Nosso Senhor o mandou pelos Ministros abaixo assignados do Seu concelho, e Seus Desembargadores do Paço. Balthazar Bezerra de Lima. Melhor a fez em Lisboa a doze de Março do anno de mil oito centos, e doze.

Desta oito centos reis, e o mesmo de assignar.

Por Despacho do desembargo do Paço de 4 de Março de 1882.

A SEMANA

PALAVRAS SINCERAS

(Aos illustres fundadores do «Republicano»)

É' deveras digna dos maiores elogios e das mais sinceras felicitações a vossa patriótica e enérgica iniciativa.

Fundar em Guimarães um jornal tintamente republicano é meter uma lanca em Africa. Iniciar a sua publicação num meio tam pouco propicio, que ainda ha pouco tempo claramente demonstrou as funestas consequencias de que é capaz o snobismo tolo e desaviado de certos portuguezes, é um arrojado passo no caminho do progresso, é ter grande e boa vontade de bem servir a Pátria, neste doloroso momento em que é preciso trabalhar muito e sem cessar em sua defesa.

Por isso eu vos vou do intimo do coração e faço votos sinceros pelas prosperidades d'este vosso semanário, e que um bom exito corresponda á gr-n leza dos elevados ideais, que nêlo vos propoiz defender e advogar.

Oxalá que essa vossa desinteressada iniciativa, essa espécie de ramo de oliveira que com tanta dedicacão vindeis offerecer aos adversários, seja por elles bem recebida, com carinho e simpatia, para que todos assim unidos, numa entusiástica comunhão de altruístas sentimentos e numa verdadeiramente patriótica confraternização de ideais, de olhos fitos na bandeira verde-rubra da Pátria, caminhem ativos para a conquista da Liberdade que tam brutalmente tem sido espiñhada pelo despotismo sanguinário da ambiciosa Alemanha.

Portugal é pequeno, todos nós o sabemos, mas é tambem soberbamente corajoso e por isso recebeu com toda a serenidade a insolente declaração de guerra que nos fez o Kaiser, cujas draconianas e sinistras intenções para nós são bem conhecidas. Mas Portugal é tambem imensamente cioso das suas gloriosas tradições e portanto defender-se-ha, na occasião oportuna com coragem, com denodo e com intrepidez inexcedíveis.

Não tenham disto a menor duvida os germanofílos. Todos os portuguezes que amam decididamente esta bela Pátria estão unidos para vencer ou para morrer e a união faz a força.

Bem claramente o affirmou ha dias o insigne poeta Guerra Junqueiro nas seguintes significativas palavras: *as debéis energias de cem crianças, harmonisando-se, erguem um grande péso; as energias hercúleas de cem gigantes, contrariando-se, não levantarão uma palha.* Desengane-se portanto todos esses deskorados patriotas. Se porventura um dia o inimigo vier invadir-nos este querido solo da Pátria saberemos desafrontar-nos com toda a enérgia e heroicidade dos antigos lusitanos de armas na mão e se estas nos faltarem lançaremos mão de tudo quanto podermos dispor, de foices, de machados, de chupos, de espétos, de bombas e até das pedras das calçadas, para não ficarmos debaixo do tacão da bota germanica Covardes não seremos, com certeza.

Mas se apesar de tudo fórmos esmagados nesse poderoso embate saberemos morrer com honra e dignidade num heroico sacrificio de dedicações levado ao extremo.

Toda a pação que sendo offendida, apesar de pequena, não se desafronta' nem defender, é um escarro nojeito no convivio dos povos cultos, é indigna da sua independencia, é uma nação anquiilada e desonrada para sempre, sem prestigio, sem padoncor.

Mas com Portugal não acontecerá isto, porque êle bem sabe que todos os seus verdadeiros filhos, republicanos ou não, estão prontos a derramar o sangue generoso das suas veias até á última gota para conseguirem a victoria que tanto contribuirá para o seu engrandecimento e prosperidade. Por isso sem hesitações, nem pusilunidades que seriam verdadeiras defecções e cheio dum fê inabalavel espera resolutio o ataque do actual Attila imperial.

Tenhamos fé, portanto, nos gloriozios destinos desta nossa muito amada Pátria, porque ella não morrerá. *Esta guerra de libertação mundial,* disse ha dias JEAN FINOT na *Revue*, *marcará um dos mais gloriozios periodos da evolução de Portugal* porque *êle longe de pavor tirará da sua attitude inapreciáveis vantagens.*

Olhem todos para a eloquente lição de amor patrio, para esse sublime exemplo de civismo, que nos deu a desditosa mas heroica Belgica, o qual claramente nos mostra como são arregaçadas as dedicações e a bravura de todas as nações pequenas cónscias do seu dever quando se vêem despóticas mente offendidas na sua independéncia e integridade do solo.

Os Castros e Albuquerque já morreram, mas ainda cá deixaram felizmente, intrépidos sucessores que saberão cometer valerosos rasgos de bravura e de denodo, de heroismo e de coragem com que lhes glorifiquem a memoria e lhes honrem as cinzas. O exemplo da historia nos basta. Para bem servirmos a Pátria e, com abnegação, honrar a Republica só é preciso que todos os politicos se unam, seguindo á risca o exemplo dos dois grandes vultos da Republica, Afonso Costa e Antonio José d'Almeida, e que, como êles, esqueçam agravos recíprocos ou offensas partidarias, porque desta forma todos os sinceros republicanos, e todos os portuguezes, verdadeiros patriotas, se unirão tambem para a defesa nacional, num gesto grandioso, belo e admiravel de civismo,

Sejamos portuguezes da antiga tempera e

cumpriamo o nosso dever e só assim esta Pátria triunfará e será grande. Caminhemos desasombradamente e sempre unidos. Nada de emorecimentos nem tibiasas. Antes a morte nos campos da batalha regado peio sangue dos heroiz, do que a vida marcada para sempre com o ferrête da ignominia a da covardia.

«Defendamos a Pátria e inculcemos a Republica» seja este o nosso lema e Portugal continuará a ser livre e independente.

Para todos os portuguezes degenerados que só se servem da intriga e da calúnia, para toda essa repelente casta de falsas patriotas que só se empregam na criminosos propaganda a favor da Alemanha, atraíndo desta forma esta gloriosa Pátria, o nosso despreso, a nossa versão condigna e o repúdio mais completo.

É a, ávante, illustres fundadores do «Republicano» a nossa missão é grandiosa nobre e patriótica, porisso aplausos sinceros vos envio. Só assim, por meio da imprensa, é que conseguireis o vosso elevado e sublime propósito, nesta grave conjuntura em que tão preciso se torna estimular dedicações e affervar brios orrefecidos.

Prosegui pois, com coragem e sempre firmes nessa santa cruzada de inalterar a Republica e persistir sem desalentos nem ardente e cícero apostolado de dignificação a que nos abalancastes, num belo gesto de patriotismo que bem mostra que sois esses portuguezes verdadeiramente autenticos.

Mas não vos deixeis illudir com fementidas promessas pois o momento é para elas, porque ha por certa gente que é capaz de tudo; no seu coração só existe ódio e rancores.

Permanecei, por isso, sempre de atalva para prevenir qualquer eventualidade e para que mais tarde não tenhais os arrependimentos que nada remedeiam. Os factos occorridos em fins de Outubro de 1914, em Mafra e os que mais recentemente se deram nesta cidade não deueni nem podem já estar completamente esquecidos. Lembrai-vos que nessa occasião já se tinha dado o cruel massacre de Kuangai e a sanguinária cilada de Nablil que nessa occasião já se apregoava como medida de capital importancia na pacificação do uzo, na a cenacão dos conjuros e até havia tambem uma bastante accentuada corrente de solidariedade patriótica e, apesar disso, todos sabem o que aconteceu! Muita cautela portanto. Nada de condescendencias descaídas e de transigencias que podem ser contraproducentes devido á ingratição dos que fazem guerra sem tréguas á Republica.

Posto isto, acceptai os meus elevados protestos de consideração, de estima e de apreço e crêde-me sempre vosso leal correligionario e amigo.

Souzel, 4 d'Abrial,

Alberto Gonçalves.

caldas das Taipas

Missão da Junta Patriótica do Norte, Núcleo Patriótico das Caldas das Taipas, várias

Rarissimas vezes temos visto a alma nacional vibrar com o entusiasmo que observamos no penultimo domingo, quando nos visitaram os illustres delegados da Junta Patriótica do Norte.

Suas Ex.^{as} chegaram a esta povoação ás 15 horas, sendo recebidos por todas as pessoas gradas da povoação, muito povo, as crianças das escolas officiais empunhando bandeiras da Pátria e uma banda de musica. Em constantes aclamações á Pátria, ás Nações Aliadas, á Junta Patriótica do Norte, seguiu o cortejo até á praça da Republica onde teve logar o comicio.

Assumiu a presidéncia o ex.^o sr. Administrador do Concelho, sendo vice-presidente o ex.^o sr. Manuel da Silva Rocha e secretários os ex.^o sr. Crespo Guimarães e Dionisio Martins. O sr. dr. Alfredo Fernandes fez a apresentação dos oradores, saudando nêles a Junta Patriótica do Norte e estimulando o povo a ouvir-lhe atentamente e unir-se num levantado patriotismo em volta da bandeira sagrada da Pátria, para que Portugal possa mais uma vez sair glorioso da terrível luta em prol da Liberdade e da Justiça.

Em seguida usaram da palavra pela seguinte ordem: os illustres delegados da Junta Patriótica do Norte, ex.^o sr. dr. Santos Silva e José Maria de Oliveira; o publicista sr. Alberto Vellozo de Araujo e o professor Mario de Vasconcelos e Sá.

Todos êstes distintos oradores pronunciam discursos do mais acendrado patriotismo, dizendo os fins da Junta Patriótica, expondo a nossa situação internacional; proclamando altivamente e barbaro orgulho da Alemanha que nos queria aniquilar, estimulando o povo a caminhar denodado e valioso unido se de alma e coração para a luta, para o triunfo da santa causa dos Aliados.

O povo seguia entusiastado as palavras dos illustres delegados, que eram constantemente interrompidos por aclamações e salvas de palmas.

O professor Mario de Vasconcelos leu os nomes da comissão instaladora do Núcleo Patriótico das Taipas, que ficou assim constituído:

Ex.^o Sr. D. Laura de Barros, D.

Emilia Sampaio, D. Hercilia Rocha, D. Maria Barros, D. Luiza Ferreira Pinto, D. Antonia da Costa e Silva, D. Maria da Graça Sampaio, D. Betina de Barros, D. Luiza da Costa e Silva, D. Maria Amalia de Barros, D. Virginia Martins, D. Rosa Ferreira Pinto, D. Maria da Graça Silva e pelos ex.mos. srs. Dr. Alfredo Fernandes, Francisco Silveira, Manuel da Silva Rocha, Manuel José Pereira, João Sampaio, Candido Capela, José Ribeiro de Castro, José Mendes Leite de Faria, José Braga, Antonio Dias de Oliveira, Antonio Manuel Lourenço, Dionisio Martins, Manuel da Silva Pinto, Crespo Guimarães.

O mesmo illustre orador propõe que se envie ao ex.^o Ministro da Guerra o seguinte telegrama:

«Povo Taipas reunido comicio de propaganda patriótica, sauda em V. Ex.^a o valor do Exército portuguez confiando, que êle neste momento saberá manter bem alto as gloriosas tradições da sua historia.»

Terminado o comicio seguiu o cortejo até o estabelecimento termal, onde foi servida uma taça de champagne, aos oradores e convidados, travando-se affectuosas saudações, após o que os illustres delegados da Junta Patriótica do Norte, sempre muito aclamados, seguiram para Braga.

R uniu o Núcleo Patriótico das Taipas e dos seus trabalhos daremos conta no próximo número.

O mercado semanal esteve muito pouco concorrido e escasseou por completo o milho, tornando-se necessário pedir a alguns proprietarios para cedermos alguns alqueires.

Pediamos providencia á illustre autoridade administrativa para que este mal seja remediado e não falte o pão aos pobres.

C.

Hospital da Misericordia de Guimarães

Movimento de doentes no mez de Março

Doentes existentes no dia 29 de Fevereiro; 60 homens, 88 mulheres, total 148.

Entrados durante o mez; 61 homens, 107 mulheres, total 168.

Saídos curados; 41 homens, 66 mulheres, total 107.

Saídos melhorados; 15 homens, 24 mulheres, total 39.

Saídos no mesmo estado; 6 homens, 7 mulheres, total 13.

Falecidos; 4 homens, 6 mulheres, total 10.

Existentes no fim do mez; 55 homens, 87 mulheres, total 142.

Consultas no banco; 129 homens, 220 mulheres, total 349.

Curativos; 353 homens; 232 mulheres, total 585.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis; total 323.

Teatro Gil Vicente

É' amanhã que neste teatro se estreia a Companhia Dramatica Portuguesa, sob a direcção do popular actor Corrê: Peixoto e que tanto successo causou há annos neste mesmo teatro.

Sabrá á scena a opereta em 3 actos de costumes miuhotos, «Rosas de Nossa Senhora.»

Homenagem aos aliados

Como homenagem ás nações aliadas, o sr. Antonio de Araujo Salgado expô, na mostra do seu estabelecimento e modas, á rua 31 de janeiro uma figura de mulher simbolizando a França e empunhando a bandeira desta nacionalidade, tendo sob os pés, bastante extenuada e vencida a água teutonica. Rideavam-na as bandeiras da Sérvia, Inglaterra, Itália e a nacional,

Esta exposição tem sido largamente visitada.

Pagamento de contribuições

Está em pagamento até 30 do corrente, na Tesouraria da Fazenda Publica d'este concelho a 2.^a prestação das contribuições, industrial, predial e sumptuaria.

Pra cá vens de carrinho

Consta-nos que a Companhia Dramatica Portuguesa tencionava levar á scena muito brevemente a revista «Pra cá vens de carrinho» original do nosso amigo Luiz Jacinto, digno aspirante dos correios e telegrafos.

Cinemas

No domingo passou no écran dos dois cinemas desta cidade o grandioso film O prisioneiro de Zenda, cujo enredo é magnifico continuando no proximo domingo em duas sessões, no nosso teatro D. Afonso Henriques, o final do mesmo film sob o titulo «Ruperto de Hentzau.»

Doente

Tem estado doente o sr. Francisco Jacome, relojoeiro da Rua de Payo Galvão.

Farmácia

Abrial—16—domingo: está aberta a Farmacia Dias Machado, á Rua da Republica.

Comissão de censura

Foram nomeados, por alvará do Governador civil do districto, para constituirem a comissão de censura neste concelho, os srs. General Antonio Emílio de Quadros Flores e o Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães.

Devemos esclarecer que este último não faz parte do corpo redactorial deste jornal, como presumidamente diz o «Vimaranense» de hoje.

EDITAL

Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães, faz público:

1.^o—Que não é preciso fazer requerimento escrito para a matricula e numeracão dos carros d'este concelho;

2.^o—Que a taxa a pagar é a seguinte:

Carros particulares \$50 por cada roda.

Ditos de aluguer \$15 por cada roda.

Ditos de carga (aluguer ou particulares) \$10 por cada roda.

3.^o—Que, além destas taxas, nada mais tem os donos dos carros a pagar;

4.^o—Que se a alguém foi exigido, na Secretaria Municipal, pagamento de emolumentos, selos, ou de qualquer outra verba que não seja a das taxas acima indicadas, ainda mesmo que fôsse para a redacção de requerimento ou sob qualquer outro pretexto, deve apresentar se na referida Secretaria a reclamar o que, indevidamente, lhe foi exigido e que lhe será imediatamente restituído.

Guimarães, 12 de Abril de 1916.

O Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

Antonio Caires Pinto de Madureira, Tesoureiro de Finanças de 1.^a classe e Administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que por bem da ordem pública e garantia do trabalho na industria de cortumes, fica expressamente prohibida, neste concelho, a exportação de casca de carvalho e de outras, de grande applicação na referida industria que neste meio está sentindo falta daquelle producto por motivo do seu acambramento.

Os transgressores serão punidos rigorosamente.

Guimarães, Administração do concelho, 12 de Abril de 1916.

E eu Manuel de Freitas Aguiar Secretário o subcrevi.

Antonio Caires Pinto de Madureira

ESTANCIA TERMAL DAS TAIPAS

(Situada a 14 quilometros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termas, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas, (sódicas e cálcicas), cloretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioactivas

AS ÚNICAS AGUAS DO PAIZ PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PÉLE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratorios, digestivos e génito-urinario; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção de uma Medica

INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA ELECTROTHERAPIA

CLINICOS DA EMPREZA.-- Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevêdo Fernandes.

ÈPOCA TERMAL--1 de Maio a 30 de outubro

"PROSPERIDADE,"
 Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Maritimos
 Sede no PORTO:
 RUA DE TRAZ, N.º 7-2.
 Agente em GUIMARÃES:
 António José Peixoto da Costa
 Rua da Republica, n.º 144

DOMINGOS VINGREIRO & F.ºs
 GENEROS DE MERCEARIA
 E
CONFETARIA
 SERVIÇO DE PASTELARIA
 Executam-se encomendas para casamentos, batizado e soirês
 ESPECIAL CAFÉ À CHAVENA da BRAZILEIRA



CONFETARIA **PARISIENSE**

DEPÓSITO DE PÓLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros PORTUGAL PREVIDENTE

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes.
 Completo sortido em molduras para quadros,
 Papel para forrar casas.
 Azulejos e mosaicos.
 Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

Drogaria: Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.º

78, R. da República—Guimarães

FARMÁCIA NORMAL

Prrça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 1 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmaceuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapeutica.

Ao Ex.º corpo clínico
 AOS SEUS AMIGOS
 Ao público em geral
 Participam-no

Manuel Jesus de Sousa & C.ª

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranesse
 (Publica-se aos sábados)

Ao Cidadão

Internato Municipal de Guimarães

Direcção e administração autónomas

Instrução primária

Instrução secundária

Música—Pintura.

O REPUBLICANO

Propriedade do Centro Democrático Vimaranesse
 Publica-se aos sábados)

Preço da assinatura

Preços das publicações

Ano 1\$20 cent.

Anúncios e comunicados, por linha 4 cent

Semestre \$50 »

Repetição, por linha 2 »

Brazil, ano (moeda

Permanentes, contracto convencional.

forte) 2\$50 »

Anúncios, não judiciais, para os ers. as

Numero avulso. \$03 »

sinantes 25 % de abatimento.